

# JOSÉ MARIA CORRÊA DE FRIAS, UM EDITOR PORTUGUÊS NO BRASIL

João Alves das Neves<sup>1</sup>

Quando reuníamos material sobre as origens da tipografia no Brasil, encontramos há tempos amplas referências ao editor José Maria Corrêa de Frias, no copioso estudo do norte-americano Lawrence Hallewell, *O Livro no Brasil* (ed. T.A. Queiroz, São Paulo, 1985, 693 págs.)

Logo nos recordámos do capítulo que ao mesmo Corrêa de Frias foi dedicado pelo Visconde Sanches de Frias, nas suas *Memórias Literárias* (Lisboa, 1907). Ou estaríamos a fazer confusão? Fomos conferir. Não era confusão. Trata-se, de fato, de um parente do escritor de Pombeiro da Beira: nascido em Lisboa no dia 2 de Novembro de 1828, José Maria acompanhou os pais, Antonio Corrêa de Frias e D. Cecília Tereza do Vale, *oriundos do concelho de Arganil, para além do Alva*.

Esclarece Sanches de Frias acerca do futuro editor português no Brasil: *Seu pai, cuja carta fora a ainda passada pela Casa dos Vinte e Quatro, fez a campanha peninsular, chegando a entrar em França com o exército anglo-luso; e mais tarde, depois da sua baixa, desejoso de melhor tentar fortuna, embarcou para o Maranhão, levando a família, em que entrava o pequeno José com os seus 14 anos de idade.*

Apontando José Maria como *um jornalista de raro critério e um patriota dos que, melhor e mais dignamente, bem merecem a gratidão da pátria*, Sanches de Frias esclarece que o seu parente fundou em 1869 e dirigiu por largos anos o *Diário do Maranhão, órgão do comércio, lavoura e indústria*, acrescen-

---

(1) Professor universitário, jornalista e ensaísta.

tando que José Maria Corrêa de Frias foi também *membro iminente* da Sociedade Humanitária 1º de Dezembro, em São Luís do Maranhão. Revisitou o país natal em 1878, e morreu na cidade de adoção aos 29 de Janeiro de 1903: *À notícia do seu falecimento, seguido dias depois de exéquias especiais, fecharam numerosos estabelecimentos comerciais e de indústria, oficinas tipográfica e outras, hasteando as suas bandeiras lutuosamente o Consulado Português, Associação Comercial, a Sociedade Humanitária, o Hospital Português, o Grémio Aduaneiro e Comercial, a Sociedade Caritativa da Infância e as empresas dos jornais da localidade.*

José Maria e Sanches conheceram-se acidentalmente no Brasil, embora fossem primos em segundo grau. Desfaz-se o autor luso-brasileiro em elogios sobre o seu parente jornalista, descrevendo até homenagens que foram prestadas ao oriundo de Pombeiro, que se distinguiu entre os fundadores do hospital português de São Luís: *Os nacionais louvavam-lhe o préstimo e a probidade; e os seus compatriotas acompanhavam-no espontaneamente no generoso impulso de ser útil aos que dele se acercavam patrioticamente.*

Não obstante, Lawrence Hallewell vai mais longe ao ressaltar o importante papel que Corrêa de Frias cumpriu na dupla condição de tipógrafo e editor. Aprendeu o ofício e estabeleceu-se depois por conta própria, começando por editar em 1861 *O Livro do Povo* (de Antonio Marques Rodrigues), que foi um singular *best-seller* na época, pois quatro anos passados já tinha alcançado a 5ª edição, com um total de 30 a 40 mil exemplares. De resto, conforme o estudioso norte-americano *o livro mais interessante de Frias terá sido Memória sobre a tipografia maranhense*, escrito por ele mesmo para a Exposição Provincial do Maranhão em 1866, pois nos dá *uma visão única do equipamento, técnica e atitudes de um impressor brasileiro de meados do século XIX*. Ele nos diz que possuía quatro prelos: *um Washington grande, um Washington pequeno, uma réplica em madeira de um Washington que fora feito por seu predecessor em 1853 e um prelo cilíndrico mecânico fabricado pela Alauzet de Paris e que custara 300 francos. Talvez fosse mais adequado descrevê-lo como automático, pois a energia motora ainda era o suor humano, mas ele imprimia 1.000 folhas por hora (ou 10 vezes mais que o rendimento habitual) com apenas dois operadores: um escravo analfabeto para girar a manivela e um rapaz para inserir papel. O entintamento, sendo automático, era uniforme e constante.*

Ainda que não tenha referido o editor, Sanches de Frias observou, porém, que José Maria aperfeiçoou e desenvolveu a sua tipografia, *como demonstrou cabalmente, em 1866, na exposição industrial do Rio de Janeiro, onde seus trabalhos foram premiados*. Curiosamente, Lawrence Hallewell também não menciona a publicação do *Diário do Maranhão*. Seja como for, as duas biografias, se não completarem o currículo do jornalista, escritor e editor, proporcionam novas achegas para melhor elucidar o perfil do notável intelectual luso-brasileiro que foi José Maria Corrêa de Frias.

Na opinião do norte-americano Hallewell, Corrêa de Frias foi um dos mais importantes editores brasileiros, no seu tempo, impondo-se não só pelo esmero tipográfico dos seus livros mas igualmente pelo acerto na escolha das obras impressas, entre as quais aponta as seguintes: *Livro dos Meninos* (Curso elementar de instrução primária), da autoria de Antonio Rego (1864); *História de Gil Braz de Santilhana*, de La Sage (1866), *Apontamentos para o Dicionário Histórico, Geográfico, Topográfico e Estatístico da Província do Maranhão*, de César Marques (1ª ed. em 1867); *Compilação de Extratos de Gramática Inglesa*, de Alfredo Bandeira Hall (1865); *Resumo da Gramática de Língua Inglesa*, de Pedro de Sousa Guimarães (1865); *História de Charles II*, de Voltaire, e mais uma dúzia de romances traduzidos do francês. E da gráfica de Corrêa de Frias saíram ainda as *Tentativas Poéticas*, de Severiano Antonio de Azevedo, *Uma Lágrima de Mulher*, romance de Aluísio de Azevedo (1879), *O Catálogo da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura do Maranhão* (1867), etc.

Enfim, um grande editor brasileiro... nascido em Portugal.